



Renée Gumiel: abaixo o preconceito.

## Até Luís 14 ensaiava seus passinhos

HELENA KATZ

Em 1956, quando o Balé Bolshoi estreou em Londres, o mundo se chocou com a qualidade técnica dos seus bailarinos e com a força da virilidade dos rapazes do elenco. Em 1961, outra marca histórica: depois de deixar sua companhia cansada de esperar no aeroporto (o antigo Le Bourget, em Paris), Rudolf Nureyev, mesmo depois de localizado e reconduzido ao voo por dois funcionários da embaixada soviética, conseguiu fugir e se jogar nos braços dos guardas do posto da polícia francesa do aeroporto. Recusando-se, definitivamente, a partir com o Balé Kirov, Nureyev — como Nijinsky, 25 anos antes — passava a despertar a atenção para o papel do homem no balé. Transformando-se no metro que todo bailarino passou a perseguir, Nureyev, com sua técnica e seu carisma, propiciou o surgimento de um dos maiores fenômenos da dança do nosso século: o renascimento do balé para homens.

O balé nasceu na Itália há mais ou menos 500 anos, mas foi na França que ele floresceu. Um dos responsáveis por este fato, por exemplo, não enfrentou, há 300 anos atrás, os eternos problemas familiares que se abatem, ainda hoje, sobre os rapazes que desejam se dedicar à dança. Seu pai estava morto, sua mãe vivia ocupada pela política. Sem satisfações a dar, pôde passar quase toda a sua vida dançando. Afinal, ele era rei e se chamava Luís 14.

Na tradição que se formou, os homens desempenharam apenas papéis de somenos, havendo se transformado em meros seguradores de bailarinas, espécie de levantadores de peso especializados. Théophile Gautier, o celebrado libretista de "Giselle", escrevia, há uns 100 anos atrás: "Para mim, um bailarino homem é algo monstruoso e indecente, que eu sequer posso concebê-lo". Reduzido a mero porteur de sifides, no século 19, chegou-se ao cúmulo de travestir bailarinas mulheres para papéis masculinos. O Franz, de "Coppella", por exemplo, foi estreado por uma bailarina: Malvina Cavalazzi, a 1.ª bailarina do MET (Metropolitan Opera House, em Nova York), no seu programa de estréia, em 1883, caracterizou-se por suas interpretações de papéis masculinos.

Evidente que exceções sempre existem. Jules Perrot, de quem os colegas diziam que era "tão feio como o pecado", alcançou tanta fama, que Marie Taglioni se recusou a dançar com ele, e terminou ocasionando sua demissão da Ópera de Paris. Motivo: ciúme da quantidade de "bravos" que ele recebia cada vez que se apresentavam juntos. No fim do século 19, Enrico Cecchetti apareceu — o primeiro homem a conseguir 32 tours à la seconde (espécie de giro com uma perna esticada que fascina, desde então, as audiências em todo o mundo). O virtuosismo de Cecchetti impressionou até os russos, que o convidaram a trabalhar no Teatro Imperial, primeiro como bailarino, e depois como mestre de balé, atividade na qual terminou se imortalizando.

Quem rompeu a tradição coreográfica de só privilegiar bailarinas foi Fokine. Ele coreografou balés, como "O Espectro da Rosa", "Scheherazade" ou "Petrouschka", por exemplo, onde os bailarinos homens tinham papéis verdadeiros e não apenas de levantadores de princesas apaixonadas. Nesta mesma época, aconteceu a convulsão da estréia de Vaslav Nijinsky, em Paris (1909). Como Anna Pavlova, Nijinsky virou lenda. Trabalhando apenas durante sete anos, (seu último espetáculo aconteceu em 1919, num hotel na Suíça), Nijinsky conseguiu que o mundo o celebrasse como "o Deus da dança". Nijinsky pertencia ao Ballets Russes de Diaghilev, e, ao lado de Adolph Bolm, restaurou a importância da presença masculina num palco de dança. Depois de Nijinsky tivemos Nureyev e Baryshnikov. Uma semana depois de fugir da mesma companhia que Nureyev havia abandonado 13 anos antes, Baryshnikov era capa, nos Estados Unidos, de duas revistas semanais. Hoje, o bailarino tem o seu espaço garantido como estrela.

Como diz Béjart, fundador do Balé do Século 20, de Bruxelas, "toda vez que se chega à essência da dança, se depara com a presença masculina. Quando se fala de divertissements, encontra-se a mulher. Tento dar mais importância aos homens, nos meus balés, porque durante tanto tempo eles foram mantidos atrás, que penso haver necessidade de uma revanche". É o próprio Béjart que afirma que se o teatro se desenvolveu no século 17, a música sinfônica, no século 18 e a ópera, no 19, o século 20 será a época da dança. E, ao que tudo indica, sua metade final, a oportunidade para o bailarino homem.